

OBRAS PUBLICADAS PELOS JESUITAS NOS SÉCULOS XVI/XVII, NO JAPÃO

Geny Wakisaka (DLO-USP)

Navegando pelos mares próximos à China, o navio mercantil de nacionalidade portuguesa, levado pelos ventos, chega à ilha de Tanegashima, ao sul da província de Satsuma, atual Kagoshima-Japão, em agosto de 1543. Os navegantes desta embarcação brindaram o chefe da ilha, Tokitaka, com uma espingarda de fabricação ocidental. Foi a primeira arma de fogo vista pelos japoneses.

O fato acha-se registrado em Teppōki (Notas sobre a espingarda), na obra Nampo Bunshū (Ensaio de Nampo), escrita pelo primaz Bunshi, do templo Dairyūji, da província de Satsuma que fala deste primeiro contacto com os portugueses:

"No dia 25 de agosto, outono do ano 12 da era Tenmon (1543), na pequena baía de Nishimura, avistou-se uma grande embarcação que não se soube dizer de que país chegava. Sua tripulação foi calculada acima de cem pessoas. Não houve como identificá-las e a sua língua era-nos desconhecida. Tudo nelas causou-nos estranheza..." (Nihon Kirishitan Bunkashi - História da cultura cristã japonesa - Shimura Izuru, Tokyo, Chijinshokan, 1935).

Em 1549, apenas seis anos após este primeiro encontro entre estes dois povos, chega ao Japão frei Francisco Xavier (1506-1552), espanhol de nascimento, que vindo em navio lusitano, estava em missão da Companhia de Jesus, na propagação do catolicismo no Oriente, frente às arestas da Reforma Religiosa de Lutero. Além dos jesuitas, os trabalhos de catequese no Japão foram marcados pelas presenças dos dominicanos, agostinianos e franciscanos, que ali estiveram desde então.

O cristianismo é aceito sem problemas pelos japoneses, que nestes primeiros instantes o confundiram como sendo uma nova seita do budismo, em parte pelo fato de os missionários católicos se aproveitarem de muitos dos termos utilizados pelos budistas em suas pregações na transmissão dos seus pensamentos.

Protegidos em parte pelos interesses nos assuntos comerciais de Oda Nobunaga (1534-1582), então chefe do regime feudal absolutista japonês, os missionários da Companhia de Jesus ampliavam o número de seus adeptos mediante os préstimos dos conhecimentos do além-mar que satisfaziam as necessidades de saber do chefe japonês. Após a morte de Oda Nobunaga, ocorrida em 1582, Toyotomi Hideyoshi, que o sucede na política do país, mantém a mesma postura frente aos religiosos portugueses até o mo-

mento, em que esteve em inspeção pelas ilhas do sul do país. Começa a se preocupar com a impressão que teve de seus portos e centros urbanos estarem sendo dominados econômica e ideologicamente pelo cristianismo. Esta preocupação é agravada pelas denúncias do perigo de um domínio português, feitas pelo monge espanhol dominicano Jean Cobos, vindo das Filipinas em 1592, quando tem início a política de perseguição aos cristãos no Japão.

Após a morte de Hideyoshi, em 1598, o Japão fica sob o comando da família Tokugawa; sendo ainda adotada a política de comércio com o Ocidente, é abrandada a perseguição aos cristãos no seu início e o cristianismo toma impulso, tendo-se conhecido a instalação de estabelecimentos de ensino de matemática nas regiões de Kyoto por iniciativa de seus missionários.

Através da relação Portugal-Japão do século XVI, chegam a esta parte do Oriente não só um novo pensamento religioso, mas também os estudos avançados desenvolvidos no Ocidente nas áreas das ciências e das artes. E para tanto tiveram papel preponderante os trabalhos dos missionários católicos que lá chegaram e que eram portadores de amplo conhecimento cultural e visão política, requisitos necessários aos trabalhos de catequização. As intensas atividades culturais realizadas no Japão pelos missionários da Companhia de Jesus neste período, - durante um curto espaço de tempo de vinte e poucos anos, após o que foram obrigados à clandestinidade - marcaram a história do país, pelo impulso dado ao desenvolvimento dos seus estudos das coisas do Ocidente.

Destacam-se nesse sentido os empreendimentos educacionais organizados pelos jesuítas portugueses. Vinculados a seus objetivos religiosos, deram grande impulso à imprensa gráfica no Japão. Ressalta nesse aspecto a figura do padre Alessandro Valignani (1539-1606), que lá esteve por três vezes, a contar de 1579. A sua missão era educar e criar um corpo de missionários japoneses, e para tanto deu destaque ao ensino das línguas latina e portuguesa aos nativos fiéis e ao estudo da língua japonesa para os seus semelhantes.

Com o auxílio dos chefes de províncias seus simpatizantes - Ôtomo Yoshishige (1530-1587), Ômura Sumitada (1533-1587) e Arima Harunobu (1567-1612), todos da ilha de Kyūshū - em 1582 enviou a Roma a primeira comitiva de jovens fiéis japoneses, conduzida pelo próprio Valignani, para uma audiência com o Papa. Consta que tomaram parte nesta viagem os jovens Mansho (?) Itō, Miguel Chijiwa, Martim Hara e Julião Nakaura, que retornaram ao Japão em 1590, trazendo consigo uma impressora da Itália, a mando do padre Valignani, que neste retorno ficou em Macau.

O padre Valignani, em sua visita a Macau, junto com o padre João Bonifácio, organizou a obra O ensino do Cristianismo aos jovens, escrita em latim, em cujo prefácio diz ser a obra destinada aos alunos do Seminário do Japão.

Em 1589, são impressas no Japão as notas de viagens da comitiva enviada a Roma, escritas, em latim, pelo padre Duarte de Sande. A obra visava ao ensino da língua latina, da doutrina cristã, ao mesmo tempo que propiciava aos seminaristas japoneses uma visão dos países do Ocidente. Em 1591, são impressas também as biografias

dos santos católicos, já devidamente traduzidas para o japonês. As dificuldades de imprimir, utilizando-se os ideogramas e fonogramas da língua japonesa, levam o padre Valignani a optar pelo japonês escrito em alfabeto romano. Mais tarde percebe que os seminaristas japoneses estavam capacitados a assimilar tais textos, o que não acontecia com os fiéis em geral, longe do conhecimento de tal escrita. Inicia-se pois, a tentativa de imprimir os textos utilizando-se os caracteres japoneses. Uma lista de nomes dos membros da Companhia de Jesus, de novembro de 1592, assinala que o responsável pela impressão em alfabeto romano era o irmão João Baptista e o de caracteres japoneses era o irmão Pedro.

Com a política de perseguição aos cristãos, de Hideyoshi, em 1596 a Companhia de Jesus transfere a sua sede de atividades para Nagasaki, onde tenta dar continuidade a seus trabalhos. Mais tarde, porém, devido a questões financeiras, ela é obrigada a suspender os serviços de tipografia, sendo estes feitos por consignações pelo fiel Goto Sōin, até serem inviabilizados totalmente com a promulgação da lei de expulsão dos cristãos em 1614.

Sujeitas à clandestinidade durante longo tempo, muitas das obras publicadas pela Companhia de Jesus no Japão se extraviaram, se perderam.

Relacionamos abaixo as mais conhecidas atualmente pelos japoneses, conforme Cristian Bunken Kō (Sobre as obras cristãs) do Prof. Doi Tadao, ed. Sanseidō, 1969.

1. Sanctos, 1 volume, em 2 tomos; ed. Kazusa Gakuin, 1591. São biografias dos santos católicos, traduzidos para o japonês pelos irmãos Paulo e seu filho Vicente. Escrito em alfabeto romano, é acervo da Coleção Oxford.
2. Doctrina Christiana, 1 volume, ed. Arakusa Gakurin, 1592. Escrito em alfabeto romano, são ensinamentos da doutrina em forma de diálogo organizado entre mestre e discípulo. Acervo da Coleção Toyōbunko, do Japão.
3. Shinjinroku (Fides), 4 tomos, 1 volume, ed. Arakusa Gakurin, 1592. É uma tradução de Fides, escrito no original por Luis de Granada. A tradução é feita por Pero Raron, membro da Companhia de Jesus do Japão. É do acervo da Biblioteca da Universidade Leyden, da Holanda.
4. Heikemonogatari, (Os contos de Heike), 4 tomos, 1592; Isohonogatari (Fábulas de Esopo), 2 tomos, 1593; Kinkushū (Coletâneas de Máximas), 1593. São três obras reunidas sob um prefácio, em um só volume e transcritas em linguagem coloquial e em alfabeto romano. Editado pelo Arakusa Gakurin, é acervo do Museu Britânico.
5. Doutrina Cristã, 1 volume, s/data e nome da editora. Acervo da Col. Vaticano; é escrito em japonês.

De igual conteúdo da Doutrina Cristã impressa em alfabeto romano. Conforme carta expedida de Nagasaki em 6 de outubro de 1591, escrita por Valignani e endereçada à Companhia de Jesus de Manilha, a publicação da obra em japonês tinha como objetivo o aprendizado dessa língua pelos europeus.

6. Concessão do Batismo, 1 volume; o título original da obra é desconhecido devido à falta das primeiras páginas do livro. O texto fala do ritual do batismo e da indução à penitência aos enfermos. Escrito em japonês, faz parte do acervo da Biblioteca Tenrikyō, Japão.
7. Gramatica Latina de Alvares, 3 tomos, 1 volume, de Emmanuelle Alvares, da Companhia de Jesus; ed. Arakusa Gakurin, 1594.
Súmula da gramática latina; na conjugação do verbo latino é citada a flexão do verbo japonês; escrito em alfabeto romano, pertence à Coleção Angélica, de Roma. Há também um volume na Biblioteca Nacional de Évora, em Portugal.
8. Dictionarium Latino-Lusitanicum ac Japonicum, 1 volume; ed. Arakusa Gakurin, 1595. Acervo da Coleção da Biblioteca de Oxford; da Escola de Línguas Orientais de Londres; da Biblioteca da Universidade de Leyden; da Coleção dos Antigos Associados Cristãos de Pekin e Coleção da Academia Francesa.
Escrito em alfabeto romano, toma como modelo o dicionário de latim de Calepinus.
9. Conterptus Mundi, 4 tomos, 1 volume, de Thomas e Kerpis, 1596.
Escrito em caracteres romanos, faz parte da Col. Oxford e também da Biblioteca Ambrosio, de Milano.
10. Salvator Mundi, de 1598, escrito em japonês, acervo da Col. Casanatense, de Roma.
11. Rakuyōshū, 1 volume, 1598. Dicionário de ideogramas, classificando-os pela leitura chinesa, leitura japonesa e suas formas. A obra na sua íntegra acha-se sob a guarda da sede da Companhia de Jesus de Roma e do Museu Britânico, sendo do acervo da família Crawford; sem o seu 3º capítulo acha-se na Biblioteca de Universidade de Leyden; consta do acervo da Biblioteca nacional de Paris e partes do 1º capítulo estão na Biblioteca Tenrikyō, do Japão.
12. Guia do Pecador, traduzida por Luis de Granada em 1598. No final de cada tomo há um glossário com leituras e notas sobre os vocábulos dos respectivos tomos. Presume-se que houve acréscimo feito posteriormente. Dois volumes sem a parte complementada acham-se no acervo do Museu Britânico; 1 volume faz parte da Coleção São Lourenço, de Escorial na Espanha; Biblioteca Tenrikyō, do Japão; Bibliot. Estadual de München. O 2º volume está na Biblioteca Nacional de Paris; Coleção da sede Central da Companhia de Jesus de Roma. Na Coleção do Vaticano encontram-se

os 2 volumes completos e mais um glossário do 2º volume.

13. Wakan Rōeishū, 1 volume, 1600. Coletânea de poemas em estilos japoneses e chineses. Insere também 9 poemas de comunicação humana; poemas sobre a teratologia da impermanência; sobre as palavras da verdade; sobre o discurso direto; sobre as respostas; poemas incentivando aos estudos, etc. Escrito em caracteres japoneses, pertence à Coleção São Lourenço.
14. Doctrina Christiana, 1 volume, Nagasaki, 1600. Em alfabeto romano, é do acervo da família Tokugawa, de Mito.
15. Doctrina Christiana, 1 volume, editado por Gotō Sōin, Nagasaki, 1600. Em caracteres japoneses; acervo da Coleção Casanatense.
16. Orações, tradução em japonês, ed. Gotō Sōin, 1600; acervo da Biblioteca Tenrikyō, Japão.
17. Taiheiki, trechos espaçados; 6 tomos, 6 volumes; s/data; editado em Nagasaki. São 168 trechos da obra que narra sobre as lutas entre as duas cortes que se desencadearam no Japão durante o século XIV.
18. Vocabulario da Língua de Japan, 1 volume, ed. Nagasaki Gakurin; 1ª parte concluída em 1603, sendo feita uma complementação em 1604; em caracteres romanos. Pertence à Coleção Oxford; um outro exemplar à Biblioteca de Évora. Ainda, um outro sem a parte complementar está na Biblioteca Nacional de Paris.
19. Arte da Língua de Japan, 3 tomos, 1 volume. Organizado pelo padre João Rodriguez, ed. Nagasaki Gakurin, entre 1604 e 1608. Tendo como referência a Pequena Gramática Japonesa, editada em Macau, em 1620, esta é conhecida como a Grande Gramática da Língua Japonesa. Escrita em caracteres romanos, pertence à Coleção Oxford, sendo do acervo da família Crawford.
20. Manuale ad Sacramenta, 1 volume, organizado por Luis de Cerqueira, ed. Nagasaki Gakurin, 1605. Escrito em caracteres romanos, existem exemplares pertencentes à Coleção Toyōbunko, do Japão; ao Museu Britânico; à Coleção da Sede da Companhia de Jesus e à Coleção Agostiniana de Valadolid, da Espanha.
21. Adestramento Spiritual, 1 volume, ed. Nagasaki Gakurin, 1607. Escrito em caracteres romanos. São encontrados exemplares no acervo da Catedral de Oura, Japão, na Coleção do Convento Franciscano de Manilha e na Coleção Agostiniana de Valadolid.

22. Contemptus Mundi, 4 tomos, 1 volume, editado por Antonio Harada, em Kyoto. Acervo da Biblioteca Tenrikyōbunko, do Japão.
23. Ensinamentos de Fides, 4 tomos, 1 volume, editado por Gotō Sōin, 1611. Escrito em caracteres japoneses, fez parte das relações de livros antigos editadas pela Livraria Godshark Paul, de Berlim, em 1907, mas desconhece-se hoje o seu paradeiro. Presume-se que esteja nos Estados Unidos.

Além das obras acima relacionadas e hoje conhecidas, outras existiram, mas extraviadas, pois que entre os textos mencionados há referências a outros impressos.

Nas obras de impressão em japonês, nota-se a pouca utilização de ideogramas, sendo, na sua maioria, registros feitos em fonogramas japoneses do tipo Hiragana e Katakana.

Dentre estas obras publicadas pela Companhia de Jesus, chamaram-nos especial atenção a presença das Fábulas de Esopo, traduzidas para o japonês, e o Heikemonogatari (Contos de Heike), escrito em alfabeto romano, obras sobre as quais falaremos um pouco mais, atendo-nos, no momento, apenas às suas estruturas formais.

As Fábulas de Esopo, traduzidas do grego para o latim, por Máximo Planude, foram vertidas do latim para o japonês. Na abertura da obra há uma nota aos leitores que diz:

“As pessoas em geral dão atenção às coisas que não têm muito conteúdo e se entediam frente aos ensinamentos que contêm a verdade, razão pela qual reunimos os fatos corriqueiros e registramos estas narrativas. São como arrar as árvores. De fato, as árvores comportam ramos e folhas que não dão proveitos, mas dentro delas existem os bons frutos, de onde não achamos que suas folhas e seus ramos são inúteis. Por este motivo, traduzimos estes contos do latim para o japonês e depois de muita correção gravamos na madeira. É, realmente, não só para o adestramento da língua japonesa, mas também para facilitar o ensino do caminho certo para as pessoas.”

A obra apresenta um resumo da vida de Esopo, contando suas peripécias inteligentes, através do seu relacionamento com o seu aro Xantho, seguindo-se em capítulos à parte os enigmas do Egito, seus conselhos ao filho adotivo e as estranhezas do imperador Nectenabo, quando começam as fábulas escolhidas, num total de 70.

O texto é em japonês coloquial da época, registrado em alfabeto romano, e a relação das fábulas vertidas é:

1. Os exemplos da ovelha e do lobo;
2. Sobre o cachorro e a ovelha;
3. Sobre a carne abocanhada pelo cachorro;
4. Sobre o leão, o cachorro, o lobo e a pantera;
5. Sobre a cegonha e a raposa;
6. Sobre o rato;
7. Sobre o caracol e o milhafre;
8. Sobre a raposa e o corvo;
9. Sobre o cachorro e o cavalo;
10. Sobre o leão e o rato;

11. Sobre a andorinha e os outros pássaros; 12. O exemplo citado por Esopo às pessoas de Atenas; 13. Sobre o milhafre e o porco; 14. Sobre o lobo e o porco; 15. Sobre o corvo e o pavão; 16. Sobre a mosca e a formiga; 17. Sobre o leão e o cavalo; 18. Sobre o cavalo e o burro; 19. Sobre os pássaros e os animais; 20. Sobre o veado; 21. Sobre o estômago e as outras partes do corpo; 22. Sobre o pastor e o lobo; 23. Sobre a cigarra e a formiga; 24. Sobre o lobo e a raposa; 25. Sobre o porco e a formiga; 26. Sobre a galinha e a criada; 27. Sobre os dois amigos; 28. Sobre o barbú e a palma-cânharo; 29. Sobre o selvagem e o mar; 30. Sobre a lavadeira e o carvoeiro; 31. Sobre o médico e o enfermo; 32. Sobre o tocador de concha na guerra; 33. Sobre a mãe e o filho; 34. Sobre a galinha e o cachorro; 35. Sobre o rei leão e o urso; 36. Sobre a ganância; 37. Sobre a raposa e o burro; 38. Sobre o cavalo e o burro; 39. Sobre os dois caminhantes; 40. Sobre o lobo e o touro; 41. Sobre o burro e o leão; 42. Sobre o fazedor de mel; 43. Sobre o corvo e o porco; 44. Sobre a mosca e o rei Leão; 45. Sobre o ladrão e o cão; 46. Sobre o velho cão; 47. Sobre o canivete e a cobra; 48. Sobre a montanha e o montanhês; 49. Sobre a raposa e a doninha; 50. Sobre o cágado e a águia; 51. Sobre o pescador; 52. Sobre o bezerro e o lobo; 53. Sobre o menino que cuida das ovelhas; 54. Sobre a águia e o corvo; 55. Sobre a raposa e o touro; 56. Sobre o lavrador e a criança; 57. Sobre o galo de caudas longas e o pavão; 58. O cavalo e a criança; 59. Sobre o veado de um só olho; 60. O veado e a uva, 61. O caranguejo e a cobra; 62. A mulher e o marido beberrão; 63. O pastor; 64. O burro e a raposa; 65. O lobo e a mulher e seu filho; 66. O sapo e o rato; 67. Um velho rei leão; 68. A raposa e o lobo; 69. O velho; 70. O leão e a raposa.

São estas as histórias utilizadas pelos padres da Companhia de Jesus e que serviram para a evangelização do povo japonês. Foi, talvez, a primeira obra literária em latim traduzida para o japonês.

Sobre o Heikeronogatari

Uma nota sucinta na abertura da obra: "É a história de Heike, facilitada, para aqueles que desejam aprender a história e a língua japonesas. Impresso em 1592, com a autorização dos superiores do Collegio da Companhia de Jesus."

Segundo o seu prefácio, por ordens superiores, Fabian Fucan, então professor da língua japonesa no dito Collegio, de Arakuda, levado pelo espírito da Sancta Obediência, procura uma obra que satisfizesse as duas exigências acima apontadas, e escolhe o Heikeronogatari, organizado pelo monge Cen'e, de Eizan, conhecido pelos seus dotes literários.

Note-se, daí, que a escolha do Heikeronogatari, em primeira instância, fora feita por Fabian Fucan, que, segundo ordens superiores, o reescreve em estilo coloquial e o desenvolve em forma de diálogo desenvolvido entre duas personagens: Uranojô, que formula as perguntas, e Kiichi, que responde.

Ainda segundo o prefácio redigido por Fabian, o aprendizado da língua japonesa vinha acompanhado de outro objetivo: divulgar o Evangelho do Senhor Iesu

Christo. Assim, aquilo que não coadunava com esta finalidade foi abolido da obra.

A obra é pois, modificada para o estilo coloquial e simplificada: muitos dos episódios citados no original não constam nestes escritos de Fabian, e a grafia é em alfabeto romano, para facilitar o acesso dos europeus à língua em questão.

O Heikemonogatari de Fabian Fucan é constituído de 4 tomos, que se acham subdivididos em capítulos. o 1º tomo vem subdividido em 12 capítulos; o 2º tomo, em 10 capítulos; o 3º, em 13 capítulos e o 4º tomo conta com 29 capítulos.

A sua correspondência com a divisão que aparece na obra originária é a seguinte:

<u>ORIGINAL</u>	<u>HEIKE DE FABIAN</u>	
1º tomo - 16 capítulos	2 capítulos	} 1º tomo
2º tomo - 17 capítulos	7 capítulos	
3º tomo - 19 capítulos	3 capítulos	
4º tomo - 15 capítulos	8 capítulos	} 2º tomo
5º tomo - 14 capítulos	2 capítulos	
6º tomo - 12 capítulos	1 capítulo	} 3º tomo
7º tomo - 20 capítulos	7 capítulos	
8º tomo - 11 capítulos	5 capítulos	
9º tomo - 18 capítulos	10 capítulos	} 4º tomo
10º tomo - 15 capítulos	6 capítulos	
11º tomo - 19 capítulos	6 capítulos	
12º tomo - 9 capítulos	5 capítulos	
13º tomo - 5 capítulos	2 capítulos	
TOTAL 190 capítulos	64 capítulos	

O livro original de 13 tomos apresenta um total de 190 capítulos, dentre os quais 64 capítulos estão presentes no Heike de Fabian Fucan. São, portanto, 126 capítulos a menos, alguns dos quais, são às vezes incorporados em outros capítulos, e os de mais ignorados.

Índice do Heikemonogatari de Fabian Fucan

Primeiro Tomo

Cap. 1. Genealogia e ascendência da clã Heike - sob a honras de Tadamori e as glórias de seu filho Kiyomori.

Cap. 2. As insolências do neto de Kiyomori frente ao Regente: causa direta das revoltas contra a clã Heike.

(Do 1º tomo do original)

Cap. 3. A execução do monge Saikō e dos implicados nas tramas contra Heike, motivadas pela disputa da posse do trono empreendida pelo príncipe Narichika.

Cap. 4. Conselhos do filho Shigemori dados ao pai Kiyomori (Heike), em favor do príncipe Narichika.

Cap. 5. Clemência em favor do filho de Narichika.

Cap. 6. Conselhos de Shigemori ao pai Kiyomori na questão do imperador Regente e ingresso na vida monástica.

Cap. 7. O desterro do príncipe Narichika e de seu filho Naritsune.

Cap. 8. Derradeiro instante do príncipe e a transferência de Naritsune para a ilha do Diabo (Kikaigashima).

Cap. 9. Naritsune, com os companheiros de desterro, implanta na ilha a seita Kumano - do Budismo. Elabora e solta 1.000 lapidários ao mar, sensibilizando os da capital. - Fato relacionado à história Sobu, da China, que envia mensagens do seu desterro através das aves de rapina.

(Do 2º tomo do original)

Cap.10. As tristezas de Shunkan, único que foi excluído da anistia.

Cap.11. O retorno de Naritsune e Yasunori à capital.

Cap.12. A visita do príncipe Ariwō a Shunkan na ilha do Diabo.

(Do 3º tomo do original)

Segundo Tomo

Cap. 1. Os amores de Kiyomori pela dançarina Giwō.

Cap. 2. Descoberta da trama de derrubada do Heike.

O príncipe Takakura refugia-se no templo Mii.

Cap. 3. A revolta do monge secular Yorimasa contra Minemori provocada pelo incidente de apreensão do cavalo predileto de seu filho Nakatsuna.

Cap. 4. Confabulação prolongada no templo Mii (contra Kiyomori).

Cap. 5. Transferência do príncipe Takakura do templo Mii e as lutas travadas na ponte do rio Uji.

Cap. 6. Travessia do rio Uji feita pelas forças de Ashikaga Matatarō (Heike).

Cap. 7. Morte do príncipe pelo guerreiro de Heike, chefe da província de Hida.

Cap. 8. O monge secular Yorimasa abate o pássaro nue que ameaçara por duas vezes os imperadores.

(Do 4º tomo do original)

cap. 9. O levante de Yoritomo (um dos chefes Genji), sob conselhos do monge peregrino Bunkaku.

Cap.10. Assustados pelos vãos dos pássaros, os guerreiros de Heike sofrem uma derrota.

(Do 5º tomo do original)

Terceiro Tomo

Cap. 1. Linhagem do senhor de Kiso (Yoshinaka); seus levantes e lutas com os Heike.

(Do 6º tomo do original)

Cap. 2. As forças de Heike avançam para as províncias do norte. Intrigas entre as facções de Yoritomo e senhor de Kiso.

Cap. 3. As movimentações das forças de Heike e Kiso. Lutas no vale de Kurikara.

Cap. 4. As derrotas de Heike em Shinohara e a morte de Sanemori.

Cap. 5. As estratégias do senhor de Kiso e suas ligações com as facções do monte Hiei.

Cap. 6. A fuga de Heike para as províncias do leste e a tomada da capital pelo senhor de Kiso.

Cap. 7. A queda de Koremori e as lamentações de seus filhos e esposa.

Cap. 8. O abandono da capital pelos Heike, tomada pelo Yoshinaka.

(Do 7º tomo do original)

Cap. 9. O imperador Regente transfere a sua sede do templo Kurano para Hiei.

Cap.10. Decreto do imperador Regente baixando ordens para atacar o chefe Ogata (Heike), da província de Bingo (ilha de Kyûshû).

Cap.11. As insolências do senhor de Kiso frente ao senhor Nekora e o incidente da carruagem.

Cap.12. As vitórias de Heike em Muroyama-Mizushima.

As revoltas de Taneyasu contra o senhor de Kiso.

Cap.13. As insolências do senhor de Kiso contra o imperador Regente que, repreendido por este, incendeia o palácio.

(Do 8º tomo do original)

Quarto Tomo

Cap. 1. O envio de Noriyori e Yoshitsune à capital por ordem de Yoritomo (Genji), preocupado com os incidentes provocados pelo senhor de Kiso.

Cap. 2. As lutas de Noriyori e Yoshitsune com o grupo de Kiso (arbos da ala Genji). O incidente dos cavalos Ikezuke e Surusumi de Yoritomo.

Cap. 3. Yoshitsune visita o imperador Regente enquanto suas forças combatem o inimigo.

Cap. 4. Lutas entre Kiso Yoshinaka e Kiso Kanehira: a morte de arbos.

Cap. 5. Executado Higushi Jirô, mesmo após a sua rendição.

Cap. 6. Luta no monte Mikusa entre facções de Heike e de Genji. Vitória das estratégias de Yoshitome (Genji).

Cap. 7. Lutas travadas em Kuragai, Hirayama e Ichinotani.

Cap. 8. Lutas em Ôte, Ikuta e nas colinas de Hiyodori.

Cap. 9. As derrotas de Heike e a morte de Atsurori.

Cap.10. A esposa de Michirori que o sucede na morte.

(Do 9º tomo do original)

Cap.10A. São entregues, na capital, as cabeças dos chefes de Heike.

Cap.11. Shigehira pede em Yajima a devolução dos três tesouros da Corte (Sanshu no Jingi).

Cap.12. A ida de Shigehira ao leste a pedido de Yoritomo.

Cap.13. Koremori vai do monte Kôya à capital.

Cap.14. O ingresso à vida monástica de Koremori e o seu suicídio.

Cap.15. Ida de Yorimori ao leste e sobre a esposa de Koremori.

(Do 10º tomo do original)

Cap.16. Debates entre Yoshitsune e Kajiwara Sakarô e a travessia para Yajima.

Cap.17. A flexa de Nasuno Yoichi derruba o leque.

Cap.18. Yoshimori, em cilada, aprisiona Noriyoshi.

Cap.19. Prisioneiros - Heike - são enviados à capital. Sobre a Sra. Kenreimon'in (imperatriz-monja).

Cap.20. O encontro de Munemori com o filho. A morte deste.

Cap.21. Fuga de Munemori para o leste e a sua execução.

(Do 11º tomo do original)

Cap.22. Sobre o terremoto.

Cap.23. Desterro de Tokitada (Heike) para Noto.

Cap.24. O ataque noturno a Shôshun.

Cap.25. Retirada de Yoshitsune da capital.

Cap.26. Aprisionado e solto Rokudai por ordem de Hojô Tokimasa.

(Do 12º tomo do original)

Cap.27. A visita do imperador Regente à Ohara.

Cap.28. A extinção completa do clã Heike.

(Do 13º tomo do original)

Observa-se que Fabian, conforme diretrizes superiores, tenta, através destes capítulos, não perder o fio da meada de uma visão histórica do século XI do Japão, por meio da narrativa da ascensão e queda da clã Heike.

A obra Heikeronogatari, muito apreciada pelo povo japonês da época, segundo o prefácio de Fabian, fôra escrita pelo monge Gen'e.

No entanto, quando é posta em discussão a questão do autor da obra, é comum entre os japoneses destacar-se um trecho do capítulo 226 do ensaio Tsurezuregusa (Divagação de um monge em retiro), escrito por Kenkôhoshi em 1330. O trecho diz: "O monge secular Yukinaga escreve o Heikeronogatari e faz com que Shôbutsu, o monge cego, o narre acompanhado de biwa - instrumento musical de cordas".

Ainda hoje não está definitivamente estabelecida a autoria da obra em questão.

Sabe-se que ela foi crescendo no decorrer do tempo, através das declamações que foram sendo feitas pelos monges, seguidores do cego Shôbutsu. Ela é, pois, um fruto de vários autores, tomando a forma atual no início da era Kamakura (1193-1330).

A narrativa fala da trajetória do clã Heike, descendente do imperador Kammu, em confronto e lutas pelo poder com o clã guerreiro Genji, da linhagem do imperador Seiwa.

Relatando a ascensão da personagem Kiyomori (Heike) no quadro político japonês; as suas arrogâncias, insolências e barbáries praticadas então, contrapondo ao drama do filho Shigemori entre os deveres filiais e a sua moralidade civil; o descontentamento generalizado contra Kiyomori que provoca os sucessivos levantes dos guerreiros Yoritomo, Yoshinaka, Yoshitsune da facção dos Genji; e, como consequência natural, a queda e a extinção do clã Heike; o autor realça as leis da impermanência das coisas e a relação de causalidade, observadas na vida humana e que são pregadas pelo budismo. De outro lado, o autor ressalta, em vários episódios, os preceitos éticos ditados pelo confucionismo que implicam na definição do comportamento humano.

O Heikemonogatari, escrito num estilo misto de chinês e japonês, e tradicionalmente declarado por monges, inicia o seu 1º capítulo com o soar do sino do templo Getavanavihara, construído na Índia Central, e que, segundo o texto, ressoa a idéia de impermanência das coisas, e termina com a entrada para a vida monástica da personagem Kenreimon'in.

É natural que Fabian, cristão, a serviço da Companhia de Jesus, tivesse que modificar e abreviar o texto original neste seu trabalho. Gostaríamos, pois, de analisar o Heikemonogatari neste aspecto numa outra ocasião, tendo recorrido aqui, nesta apresentação dos trabalhos publicados pelos padres jesuítas no Japão, apenas sobre os aspectos formais da obra original e do texto de Fabian.

BIBLIOGRAFIA

SHINMURA, Izuru, Nihon Kirishitan Bunkashi (História da Cultura Cristã Japonesa), Tokyo, ed. Chijinshokan, 1932.

DOI, Tadao, Kirishitan Bunkenshi kō (Análise das Obras Escritas Cristãs), Tokyo, ed. Sanseidō, 1963.

INOUE, Akira, Amakusaban Isohonogatari (Fábulas de Esopo Editadas em Amakusa), Tokyo, ed. Kasama, 1964.

YOSHIDA, Sumio, Amakusaban Kinkushūno Kenkyū (Pesquisa sobre Máximas Editadas em Amakusa), Tokyo, ed. Coleção Toyō, série A - vol. 24, 1938.

SAKATA, Yukio et alii, Fabian shō, Kirishitanban Heikemonogatari (Contos de Heike - Trechos Escolhidos de Fabian e Impressos pela Companhia de Jesus), Tokyo, ed. Yoshikawa Kōbunkan 1966.

MATSUMURA, Akira et alii, Kogojiten (Dicionário da Língua Clássica), Tokyo, ed. Ōbunsha, 1973.